



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*

## **Apresentação**

José Marangoni Camargo  
Francisco Luiz Corsi  
Rosângela de Lima Vieira

**Como citar:** CAMARGO, J. M. CORSI, F. L. VIEIRA, R. L. APRESENTAÇÃO. IN: CAMARGO, J. M. CORSI, F. L. VIEIRA, R. L (org). **Crise do Capitalismo: questões internacionais e nacionais**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.p1-6. DOI: <https://doi.org/10.36311/2011.978-85-7983-188-1.p1-6>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# APRESENTAÇÃO

**C***rise do capitalismo: questões internacionais e nacionais* apresenta o conjunto de textos apresentados no X Fórum de Análise de Conjuntura, ocorrido em setembro de 2010, às vésperas das eleições para a presidência da república brasileira numa conjuntura internacional instável e marcada por profunda crise econômica, política e social.

O Fórum é um evento anual e tradicional da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP e consiste em discussões de temas candentes da conjuntura política e econômica nacional e internacional. Nessa edição, teve por objetivo discutir o processo eleitoral e as perspectivas para o Brasil em um contexto de aguda crise do capitalismo global, que parecia, até pouco tempo, caminhar para a recuperação. Mas os recentes acontecimentos na Grécia e em Portugal acabaram por atingir toda a União Européia, denotam que a crise está longe de ser solucionada e colocam novos desafios para o Brasil, justamente no momento em que o modelo econômico, a política externa e a forma de conduzir a política, adotados por Lula estão em discussão, e o novo governo tenta driblar o reaparecimento da inflação. Em termos mais gerais, as questões do grau de autonomia dos estados nacionais ante a globalização dos mercados e das estratégias de crescimento econômico social perpassam todo o debate.

A crise rapidamente tomou conta da economia mundial. Em fins de 2008, a situação parecia ganhar contornos dramáticos, pois o epicentro da crise encontrava-se no próprio núcleo do capitalismo e o sistema financeiro mundial parecia contaminado com títulos insolventes. O resultado, quase que imediato, foi a queda abrupta da liquidez internacional, o que abria a possibilidade de colapso sistêmico. Não por acaso os países desenvolvidos apresentaram forte contração da atividade econômica. Mas os efeitos da crise não foram homogêneos. Outras economias sofreram bem menos, como, por exemplo, as economias do Leste Asiático e alguns países da América Latina. Esta última região, apesar de apresentar retrocesso em 2009, não mergulhou em crise profunda como na década de 1990, quando qualquer abalo da economia mundial desdobrava-se em crise financeira interna.

Entretanto, a crise já parecia amainar no final de 2009. Indícios de recuperação animaram o mercado. Apesar de o neoliberalismo ter sentido o golpe, a grande finança já anunciava a superação dos problemas e lançava-se novamente na frenética especulação. Mas o otimismo durou pouco, a deterioração da situação fiscal de inúmeros países da zona do euro, em especial da Grécia, decorrente, em grande parte, da própria ação anticíclica, trouxe novamente o espectro de uma crise profunda e de longa duração.

A crise atual é estrutural e não apenas uma crise cíclica. O padrão de acumulação de capital baseado no domínio da capital financeiro sob égide do neoliberalismo está em questão. A crise abre novas possibilidades de transformações estruturais para o capitalismo, como nas crises anteriores de grande envergadura. Contudo, ainda não há elementos que denotem quais caminhos serão trilhados, embora aparentemente as possibilidades para o capital sejam, aparentemente, amplas em virtude de a classe trabalhadora encontrar-se fragmentada, na defensiva política e sem projeto alternativo de sociedade. Os diversos outros movimentos de contestação social que vicejaram nas últimas décadas e hoje constituem o eixo das lutas sociais parecem também não ter propostas e forças capazes de superar o sistema capitalista.

Nesse contexto, a aparente decadência dos EUA encerra a possibilidade do capitalismo caminhar, como apontam vários autores, para um mundo multipolar. Entretanto, como a história é um campo de possibilidades, não está descartada uma reafirmação da hegemonia norte-americana, o que dependerá, sobretudo, das respostas dadas à crise, das políticas de transformação da base energética, da capacidade da chamada nova economia reestruturar a economia norte-americana. Também dependerá da recomposição do sistema financeiro norte-americano como centro da valorização fictícia de capital, o que reafirmaria a dominância do dólar e do capital financeiro e a dinâmica da acumulação baseada em bolhas especulativas. Também não está descartada a possibilidade de uma transição do centro do capitalismo para a Ásia, apesar da China, principal candidata a novo centro hegemônico, não ter condições, pelo menos no médio prazo, de assumir a liderança tecnológica, financeira, política, ideológica, cultural e militar. O modelo chinês não entusiasma as massas oprimidas do mundo e nem responde a crise ecológica, um dos problemas fulcrais para a humanidade. Pelo contrário, caracteriza-se, entre outros aspectos, por uma industrialização destrutiva do meio ambiente, pela concentração da renda e pela intensa exploração dos trabalhadores. Esses cenários não são nada alentadores para as classes dominadas do mundo. Mas cabe a elas forjar suas próprias alternativas.

Para o Brasil a crise coloca a necessidade de repensar suas estratégias de desenvolvimento, apesar da recuperação da economia a partir do segundo semestre de 2009, baseada, sobretudo, na ampliação do consumo e nas políticas anticíclicas adotadas pelo governo Lula. No entanto, observa-se a manutenção de uma inserção

predominantemente financeira na globalização e uma tendência à especialização crescente das exportações de bens primários e manufaturas de baixo valor agregado, com retrocesso do setor industrial, acompanhado de taxas relativamente baixas de investimentos.

As análises aqui apresentadas estão concatenadas no sentido de refletir sobre esses múltiplos aspectos. O artigo de Giovanni Alves, intitulado “Crise de valorização e desmedida do capital – Breve ensaio sobre a natureza da crise estrutural do capital”, que abre a coletânea, consiste em um ensaio de natureza teórica sobre a crise atual. O autor reputa ser uma crise estrutural que atinge o âmago do processo de acumulação de capital à medida que o sistema encontra crescente dificuldade na formação e realização do valor. Esta dificuldade se expressa na “lei” tendencial da queda da taxa de lucro, que não é entendida como uma lei determinista, mas como uma determinação no sentido dialético, que comporta contra tendências históricas. Uma das principais hipóteses do autor reside na proposição segundo a qual que a produção de mais valia está aquém das necessidades da imensa massa de capital acumulado, apesar da intensificação da exploração da classe trabalhadora. O outro aspecto desse processo é a crise de formação dos sujeitos históricos, em especial da classe revolucionária. Giovanni encerra o artigo discutindo a crise do trabalho morto e a desmedida do valor em virtude do trabalho imaterial, forma que ganha cada vez mais espaço, não poder ser de fato submetido ao capital.

O artigo de Rodrigo Fagundes César, intitulado “Vistas voltadas a bolha tecnológica: o olhar contemporâneo aos fatos”, discute a crise da bolsa de valores NASDAQ, que congrega as empresas de alta tecnologia, em 2001. Estas empresas formam o motor da economia norte-americana na década de 1990 e, por conseguinte, foram pólos de expansão da economia mundial naquele período. Em boa medida, a expansão dessas empresas deu-se na sua capitalização na NASDAQ com base em crescente movimento especulativo com ações, embora o setor de alta tecnologia mostrasse crescente capacidade ociosa e declínio das taxas de lucro. O autor aborda a questão a partir de uma perspectiva histórica. Dessa maneira, ele busca as raízes da crise no logo período de baixo crescimento, embora muito desigual, aberto na economia mundial em decorrência da crise estrutural do capitalismo nos anos 1970. Também dá especial atenção a forma como a imprensa especializada, em particular a revista *Busines Week*, cobriu a crise.

Por outro lado, o texto “A nova configuração das relações internacionais contemporâneas: Índia, Estados Unidos e o papel das potências emergentes”, de Hermes Moreira Jr. e Tainá Dias Vicente, expõe a tendência internacional – no pós 11/09 – de ascensão de novos pólos de poder, enfatizando a ascensão da Índia e o desgaste dos EUA. Os autores ressaltam ainda que a nova tendência multipolar

caracteriza-se por equilíbrios variáveis, com coalizões em temas concentrados e com objetivos específicos.

Já o artigo “A recuperação da economia mundial e seus desdobramentos”, de Francisco Luiz Corsi, discute a recuperação da economia mundial em 2010, na qual os países em desenvolvimento tiveram um papel central. Especial atenção é dada a América Latina nesse processo. O centro das atenções reside nas discussões sobre o desempenho dos países latino-americanos nesse processo e nas consequências da crise para a região, sobretudo para sua inserção na divisão internacional do trabalho. A região parece sofrer uma involução estrutural e cada vez mais se insere como exportadoras de commodities na economia global.

Enquanto que a reflexão de “O lugar do Brasil no Sistema-Mundo em conjuntura de crise mundial”, de Rosângela de Lima Vieira, objetiva mostrar que a abordagem da Economia Política do Sistema mundo oferece subsídios para uma interpretação sistêmica do capitalismo. E que a partir dela é possível a construção de uma hipótese explicativa das consequências mais brandas no Brasil da recente crise econômica mundial.

Tullo Vigevani e Haroldo Ramanzini Jr., “As mudanças no multilateralismo e a política externa brasileira”, enfatizam o esforço da política brasileira à multipolaridade internacional. Os autores observam que os pilares da política externa brasileira de universalismo e autonomia acentuaram-se no governo Lula da Silva, com intensa participação nos foros políticos e econômicos regionais e multilaterais.

O capítulo “A política macroeconômica do governo Lula e o papel do BNDES”, escrito por Marcos Cordeiro Pires, discute a política econômica do governo Lula (2003-2010), ressaltando a sua descontinuidade em relação à política macroeconômica do governo FHC. Inicialmente, faz um balanço da política macroeconômica de Lula e de seus resultados, considerados positivos. Em seguida, particular atenção é dada às políticas do BNDES nesse processo de ruptura, sobretudo no que diz respeito às políticas industriais, de inovação e de formação de grandes empresas nacionais de porte global. A política do banco pautou-se pelo fortalecimento do setor produtivo nacional, o que apresentou uma guinada em relação ao período anterior, embora assinala que os recursos do BNDES destinados à formação das chamadas empresas “campeãs nacionais” poderiam ser mais bem empregados em setores mais dinâmicos tecnologicamente ou em setores com maior repercussão sobre o emprego e a renda.

O artigo “A Industrialização do Brasil e o debate sobre a industrialização”, de Luís Antonio Paulino, discute a questão controversa sobre o processo de desindustrialização da economia brasileira a partir dos anos 90. Inicialmente, o autor faz uma análise histórica sobre a industrialização no Brasil desde o século

XIX, ressaltando as divergências entre os agraristas e aqueles que defendiam o desenvolvimento do país via industrialização. Na seqüência, Paulino faz uma reflexão sobre as diferentes visões a respeito da existência ou não de uma perda de importância relativa da indústria na economia brasileira. Apesar de concluir que não se pode falar em uma nítida tendência de desindustrialização, o autor enfatiza que é evidente a perda de competitividade dos setores mais dinâmicos do setor industrial brasileiro e que essa menor competitividade pode ser atribuída não apenas ao câmbio valorizado e às altas taxas de juros, mas também às deficiências da infra-estrutura, do sistema educacional, a insuficiência de investimentos em inovação e de um sistema tributário distorcido.

O texto “A internacionalização da agricultura brasileira e as ações da Via Campesina pela soberania alimentar”, de Mirian Lourenção Simonetti e Adriane Camargo trata das transformações por que passam a agricultura brasileira e mundial, a crise na produção de alimentos e a luta da Via Campesina pela soberania alimentar. As autoras destacam os desafios enfrentados por esse movimento social transnacional que se caracteriza por congrega grupos indígenas e camponeses que se posicionam contrários às trágicas transformações do capital na agricultura mundial. Entre as conseqüências desse processo, sobressaem a hegemonia do agronegócio e a redução progressiva da agricultura camponesa, aumento da concentração fundiária e a destruição das florestas nativas. A Via Campesina vem se projetando nos fóruns mundiais e com base no conceito de “Soberania Alimentar”, que une o conceito de biodiversidade à valorização da cultura camponesa, tem se colocado como uma das principais estratégias utilizadas contra os grandes oligopólios vinculados produção alimentícia.

No artigo “A Questão Agrária nos governos Lula da Silva”, José Marangoni Camargo, mostra que apesar do expressivo crescimento da produção agrícola e das exportações agroindustriais no período 2003-2010, centrada na hegemonia do agronegócio, por outro lado, houve um acirramento das desigualdades e da heterogeneidade no agro brasileiro. O crescimento da agricultura empresarial tem sido acompanhado por uma redução do emprego agrícola, de uma concentração fundiária e da produção e uma perda de importância da agricultura familiar.

Já no texto “Políticas Públicas dos anos 90: Um panorama sobre o incentivo ao setor tecnológico do Brasil durante a Era Cardoso”, Bárbara Lopes discorre sobre as tentativas de se desenvolver internamente uma indústria microeletrônica e o segmento de informática desde o governo Sarney, mas com ênfase na “Era FHC”. Sob a égide do trinômio Globalização, Neoliberalismo e Revolução Científico-Tecnológica, a autora conclui que a estratégia de inserção passiva do governo FHC no processo de globalização e a adoção de políticas de cunho neoliberal não possibilitaram a criação de condições concretas de desenvolvimento de empresas

nacionais que pudessem gerar internamente capacidade inovativa, agravada pela insuficiência de políticas educacionais, tecnológicas e de P&D pelo Estado.

O Fórum de Análise de Conjuntura origem de Crise do capitalismo: questões internacionais e nacionais é uma atividade do Grupo de Pesquisa Estudos da Globalização; com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da FFC-UNESP; do Conselho de Curso de Ciências Sociais e dos Departamentos de Ciências Políticas e Econômicas e Sociologia e Antropologia dos cursos de Ciências Sociais e Relações Internacionais da FFC-UNESP. O Grupo de Pesquisa visa discutir as transformações econômicas, sociais, políticas e culturais em curso na sociedade capitalista, enfatizando os problemas da contemporaneidade capitalista no Brasil. Ou seja, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, o eixo das pesquisas do grupo reside na discussão das mudanças na sociedade brasileira contemporânea e como elas se articulam às transformações da sociedade global. Além do Fórum de Análise da Conjuntura, realiza cursos de extensão universitária sobre a problemática da globalização, seminários de leitura e debates, mantém ainda o site do projeto “Núcleo de Estudos da Globalização”, o site da Cibersociedade Brasil, realiza seminários de orientação de pesquisas e o destacado Seminário do Trabalho, evento bianual e de âmbito nacional, que reúne pesquisadores dedicados às questões do trabalho, das mudanças tecnológicas, do sindicalismo e do movimento operário, que vem se consolidando como um dos principais eventos da área.

Crise do capitalismo: questões internacionais e nacionais expõe as contribuições analíticas de seus autores para um amplo diagnóstico do tempo presente, com suas raízes históricas e a partir de uma pluralidade de enfoques e abordagens, característica das ciências sociais.

Os organizadores.